

O CONSOLADOR

Editorial

Irmão de Jesus

Um dos objetivos da Doutrina Espírita é a transformação interior, a transformação moral de cada um. E para nós, como espíritos milenares que somos e como estudante dessa Doutrina cuja ensanchar ímpar estamos tendo, quer sejamos iniciantes ou não na mesma, fica a pergunta do Divino Médiun à Mateus: “Que fazeis de especial?”, chamando-nos a essa responsabilidade. Ou seja, qual a nossa postura diante de tantos ensinamentos espíritas recebidos, desde o pentatêuco hardequiano em 1857 até hoje?

O nosso Amigo Incondicional de todas as horas, o nosso maior Terapeuta do planeta Terra, dissemos que enviar-nos-ia o Consolador prometido. Ele cumpriu sua promessa. Ele, juntamente com sua equipe de espíritos mensageiros, fizeram a parte que lhes cabia. A Doutrina Espírita aí se encontra entre nós, espíritos imperfeitos e sedentos de equilíbrio inferior. E chegou, então, o momento de tirarmos as máscaras do passado e agirmos como espíritas espíritos-cristãos, como verdadeiros espíritas segundo nos definiu precisamente o mestre lionês, Allan Kardec, em “O Livro dos Médiuns”. O momento de visualizarmos qualquer relacionamento, de espírito para espírito. De invertermos a escala de valores, dando menor ênfase à matéria prioridade às conquistas espirituais, atributos indelévels do espírito.

Uma das fórmulas que esses espíritos de escol nos passam para que consigamos tamponar as marcas das experiências negativas que ficam gravadas em nossa memória, marcas essas conquistadas ao longo das reencarnações através do direcionamento do nosso livre-arbítrio a atitudes anti-cristãs, e que, segundo Gabriel Delanne, atuam muito mais sobre nós do que possamos imaginar, é a de servirmos ao bem, de sermos úteis, de sermos realmente ferramentas não enferrujadas na seara do Mestre, é vivenciarmos a máxima de Cristo:

“Amai-vos uns aos outros”. Emmanuel, através da psicografia do médiun Chico Xavier, alerta-nos de que quem “determina seleções, exalta conveniência, impõe condicionais, desfavorece os infelizes, menoscaba os fracos, faz privilégios, pede afastamento dos maus, desconsidera os filhos do lar alheio, destaca a parentela consangüínea ou menospreza os adversários” está caracterizando-se como um verdadeiro desertor de Cristo, pois a sua vida não está sendo a de aplicar os ensinamentos espíritas-cristãos, constante fundamental na fórmula de vencer essa atual ambientação reencarnatória.

Reflitamos sobre nossas atitudes (e não sobre as alheias).

Tenhamos sempre um ensinamento espírita-cristão em nossos pensamentos e conseqüentemente que isso possa refletir em nossas atitudes do dia-a-dia. Não fujamos à responsabilidade a que, nós espíritas, estamos sendo chamados. O conhecimento da Doutrina Espírita se não é posto em prática pelo menos dentro da casa espírita ou dentro do lar, fica apenas como conhecimento. O que vale é a sua aplicabilidade: atualmente, terceira fase da Doutrina dos Espíritos.

Ele se fez o irmão da pobreza, a fim de que ela ficasse digna e enriquecedora.

Ele se tornou o irmão da Natureza, de forma que todos vissem o Pai Criador nela refletido.

Ele se transformou no irmão das aves, elevando-as a condições superiores.

Ele se condicionou como irmão dos animais, descendo à mais bela comunhão de solidariedade que se conhece.

Ele se consagrou como irmão dos astros, revelando sua realidade estelar.

Ele dialogou com todos: os ricos e os pobres, as águas e os servos da vida, saudáveis e enfermos, abençoando-os e atraindo-os a si com força irresistível do amor.

Rico, tornou-se tão pobre, que a sua fortuna era nada possuir.

Cantor, dirigiu a música da sua voz para falar em nome de todos as vozes, principalmente daqueles que, miseráveis no mundo, haviam perdido o direito de ter voz.

Numa época, na qual os homens se isolavam nos castelos e palácios ou se escondiam em choças miseráveis ele se ergueu como ponte, unindo as criaturas.

Todos levantavam paredes e Francisco derrubava-as.

Enquanto se apresentavam e se mantinham distâncias, ele surgia como aproximação.

Ninguém que amasse tanto quanto ele amava.

Depois do Amigo, jamais alguém que houvesse sido tão fiel, tão irmão de todos.

Hoje, a sua voz ainda prossegue chamando as almas para Deus.

A força do seu verbo continua arrebatando, porque penetra o mais profundo do ser humano, e quem a ouve nunca mais deixa de escutar-lhe o cântico.

Os silêncios de suas meditações falam alto.

A sua ternura comove e vence.

Ele é indimensional na sua pequenez, na sua singeleza.

A morte não o calou, a fragili-

dade orgânica não lhe impediu o dever de atender o chamado do seu Senhor.

Ele continua incorruptível no ministério que mudou, em plena Idade Média, os rumos da fé e do amor.

Quando a decadência política e religiosa se anunciavam, como decorrência do abuso do poder e das arbitrariedades, Francisco dignificou a criatura humana colocando-a em patamares elevados e propôs-lhe a felicidade com Jesus.

O mundo, depois dele, ficou diferente, qual sucedera antes com o do seu Amado.

A simplicidade enfrentou a afronta; a pureza não temeu a perversão.

Ele não é somente um símbolo, mas a realidade do próprio amor.

O seu psiquismo prossegue envolvendo a Terra e todos aqueles que sintonizam com a sua vibração experimentam paz e se enriquecem de esperança.

Quando a irmã morte se acercou, ele recebeu-a sorrindo, saúdo-a com uma canção:

Louvado seja meu Senhor, pela nossa morte corporal da qual nenhum homem vivente pode escapar, e penetrou, de retorno, na Esfela dos Justos, sob o caminho do seu Pleno Amor.

Francisco, por fim, é o irmão de Jesus, como nenhum outro se identificou com tão grande afinidade.

Irmão Francisco:

Nestes dias tumultuosos, ergue a tua doce voz e canta outra vez aos ouvidos surdos da Humanidade o teu hino de bênçãos e de louvor, intercedendo junto ao teu Irmão por todos nós, os pobres filhos do Calvário!

Joanna De Ângelis

(Mensagem psicografada pelo médiun Divaldo P. Franco, em 25-6-1994, em Assis, Itália, diante do túmulo de Francisco de Assis.)